

DA FORMAÇÃO À PRÁTICA DOCENTE: UMA HABILIDADE CRIATIVAMENTE INOVADORA

Maria Selma Barboza dos Santos

*Universidade Nacional Lomas de Zamora – UNLZ -Ar – Mestranda
selmabar@hotmail.com*

Resumo: A sociedade do conhecimento provoca exigências e mudanças em todos os setores da vida social. Este artigo apresenta algumas reflexões acerca da importância de potencializar e desenvolver habilidades e iniciativas que promovam a criatividade. Baseado em pesquisa bibliográfica e empírica, procura identificar a importância da criatividade no século de constantes mudanças, que obrigam o ser humano a ser crítico e a se preparar para o desconhecido. Reflete especificamente sobre a importância da criatividade numa perspectiva de relação com a formação e a prática docente, mesmo sabendo que as recentes teorias sobre criatividade afirmam que ela é inerente a todo ser humano, podendo ser desenvolvida em todas as pessoas, independente de idade, gênero, condição social, etc. Considerando que na formação docente a criatividade não é sequer mencionada como essencial à sua atuação, o docente, de modo geral, não aprende nem reconhece o que é possível fazer, intencionalmente, através de técnicas, estratégias, métodos, exercícios, etc, levando em consideração a criatividade em seus procedimentos, tornando a disciplina mais agradável e favorecendo o desenvolvimento do potencial criativo e reflexivo do aluno, como uma das premissas para inserção de mercado atual. Para a metodologia, optamos pela pesquisa bibliográfica considerando autores de diversas áreas que tratam sobre assuntos relacionados à criatividade, formação e prática docente. Os resultados apontam que há uma carência para a inovação levando em consideração à atuação criativa desse profissional, configuradas através de reflexões acerca do papel da criatividade e suas contribuições para a formação e prática docente. Portanto, a pesquisa reconhece a criatividade como ferramenta preciosa para a inovação das práticas pedagógicas através da concepção de criar e ativar a mente.

Palavras-chave: Criatividade, Formação docente, Prática pedagógica.



1-INTRODUÇÃO

Vivemos um momento sem precedente na história da humanidade, com mudanças em ritmo acelerado, que vão desde a evolução tecnológica a necessidades significativas de atualização e inovação. É na sociedade atual onde cada vez mais o indivíduo precisa desenvolver e utilizar habilidades que possibilitem lidar com novas exigências, especialmente em ações voltadas à atuação profissional. Nesse sentido, compreende-se o interesse pela capacidade inovadora do indivíduo justificada pelo aumento das pesquisas envolvendo o termo criatividade. Pensar sobre criatividade e inovação na atuação do profissional docente inicialmente remete-nos a uma questão fundamental: Será que o docente leva em consideração a criatividade na sua atuação?

De acordo com Gurgel (2006) a evolução do conceito de criatividade mostra que ela evoluiu historicamente de uma perspectiva espiritualista – a criatividade como um dom, reservada a poucos privilegiados e escolhidos – para uma visão cada vez mais racional e científica.

Ainda segundo alguns autores, uma pessoa dificilmente se tornará criativa em um contexto ao qual não foi apresentada ou exposta (CSIZENTMIHALYI, 1996). E por que será que atualmente se fala tanto em criatividade? Em nenhum momento se falou tanto em ser criativo, principalmente em sala de aula, como agora. Porém muito se fala e pouco se sabe, já que segundo Mitjás Martínez (2000), Santos (1995) e Woods (1995) o tema criatividade do professor é relativamente pouco estudado.

No processo educativo, independentemente de série ou conteúdo, faz-se necessário o potencial criador do docente, pois utilizar a criatividade como ferramenta para criar estratégias no processo de ensino-aprendizagem diferencia a atuação do docente, melhorando e garantindo uma aprendizagem eficaz. Quanto mais o docente tiver conhecimento e ambiência da importância da criatividade em sua prática profissional novas alternativas e metodologias surgem fazendo o aluno envolver-se também em nível de criatividade facilitando os objetivos e resultados propostos.

Nesse contexto, é muito comum observar que docentes relacionam a criatividade com originalidade, restringindo o seu significado propriamente dito para saber usá-la corretamente.

Sendo a criatividade parte da natureza humana, ela não é um dom, nascemos com a capacidade de criar justificada pela contribuição de Morin (2000), um dos expoentes da nova interpretação do que seja o processo pedagógico, defendendo que a educação do futuro seja conduzida pelos verbos olhar, escutar e criar.

Ainda sobre criatividade, Taylor (1976, p. 28) faz a seguinte referência: “A criatividade emerge no nível adulto como complexo resultado de muitos fatores ligados à hereditariedade e a história da própria vida de cada um”.





Com a finalidade de estimular o potencial criativo do docente a intenção resulta numa ferramenta preciosa na expressão de ideias, onde práticas educativas tradicionais possam ser abolidas dando espaço a reflexões, necessárias para uma boa formação e requisito fundamental no mundo atual. Portanto, o objetivo principal concentra-se em apresentar o conceito de criatividade que contribua para uma performance competente e diferenciada que se expressa no contexto escolar e necessária a ser trabalhada em sala de aula, já que vários autores ressaltam a necessidade de uma educação mais criativa, como: Cropley (1997, 2004), Guilford (1950, 1971, 1979), Rogers (1959), MacKinon (1959, 1970) e Torrance (1965, 1970, 1987, 1993, 1995). Ressaltamos também que algumas pesquisas enfatizam a importância da criatividade docente para que o estudante possa aprender a desenvolver-se criativamente (Davis, Kogan e Soliman, 1999; Fleith, 2000; Mitjans Martínez, 2000; Sternberg e Williams, 1996; Wechsler, 1995; Woods, 1995).

Entendemos que a criatividade humana relaciona-se com a necessidade de ultrapassar os limites preestabelecidos. O indivíduo criativo possui algumas características que o diferencia dos não criativos. É altruísta, persistente, motivado, ousado, sensível, intuitivo, tem percepção aguçada, é flexível, observador, receptivo, tem espírito investigativo, é autoconfiante, tem visão holística, é autocrítico, é auto suficiente e independente.

Sabendo que existem inúmeras técnicas criativas e atitudes que podem ser adotadas pelo docente possibilitando o desenvolvimento do potencial criativo e do pensamento divergente, algumas pesquisas têm revelado que grande parte dos docentes desconhece o tema criatividade, os livros sobre o assunto, os exercícios criativos, pois a maioria dos cursos formadores de professores não tem disciplina que enfoque essa área. Tampouco programas de aperfeiçoamento para os professores, semanas pedagógicas e outros eventos abordam a criatividade e as técnicas de seu desenvolvimento, além do próprio docente, no seu dia a dia, não se preocupa com ações criativas, permanentemente. No livro *Nove aulas inovadoras na Universidade*, a autora Edileuza Fernandes da Silva, analisa aulas universitárias, as quais ocorreram sem aviso prévio, aspecto relevante por indicar que não houve a preocupação do docente em planejar atividades diferentes para o dia em que a pesquisadora estivesse presente em sala de aula. (SILVA, 2011, p.26).

Nesse sentido, corrobora Wechsler (2001,2002) que um professor criativo é aquele que está aberto a novas experiências e, assim sendo, é ousado, curioso, tem confiança em si próprio, além de ser apaixonado pelo que faz.





Portanto, cada vez mais, considera-se que a criatividade docente é um elemento fundamental no processo educativo devido à necessidade de conhecimento e atualização tanto da escola como da demanda de uma sociedade em permanente transformação.

Alencar (2007) indica que uma das razões para o desenvolvimento da criatividade em contextos educacionais refere-se às urgências da atualidade caracterizada “pela incerteza, complexidade, progresso e mudanças que vêm ocorrendo em um ritmo exponencial, gerando desafios e problemas imprevisíveis, que requerem soluções criativas”.

2-Criatividade – o que é isso?

A palavra criatividade origina-se do latim “*creare*”, cujo significado é criar, fazer, elaborar. No grego, a palavra “*krainen*” (criatividade) significa realizar, desempenhar, preencher (PFEIFER, 2001, p.26). Entretanto, a criatividade necessita de um sujeito que deseja realizar algo novo para si mesmo ou para os outros.

A criatividade é um conceito que vai além da flexibilidade de raciocínio, da influência de ideias ou ainda da capacidade de criar novas ideias. Segundo Lowenfeld (1970, p. 62) criatividade é um comportamento produtivo, construtivo, que se manifesta em ações ou realizações. Não é necessário que seja um fenômeno ímpar no mundo, mas deve ser basicamente uma contribuição do indivíduo.

Para fins de posicionamento literário e limites que o artigo impõe, o conceito de criatividade pode causar confusão ao ser usado como sinônimo de talento e gênio segundo Csikszentmihalyi (1996) IN Libório (2009), o autor esclarece que talento é uma habilidade inata do indivíduo para fazer algo bem feito e a criatividade está longe de ser um produto individual. Ela é construída no social, pois são as pessoas que a julgam criativas ou não, quanto à genialidade, ele argumenta que o indivíduo pode mudar uma cultura de maneira significativa sem necessariamente ser um gênio.

Segundo Fonseca (1990, p.13) o termo “criatividade” ou “criação” provém do verbo criar, da “capacidade de dar existência a alguma coisa”, de tirar alguma coisa do nada, de estabelecer relações até aí não concebidas no meio, de inventar, de descobrir algo novo, de “inovar”.

Para muitos autores, como Lubart (2007) a criatividade consiste em uma habilidade de realizar uma produção com características novas e adaptadas ao universo no qual ela se manifesta.

Para Alencar (1995) as mais diversas definições de criatividade propostas dizem respeito ao fato de que criatividade implica na emergência de um produto, seja uma ideia ou invenção original, seja a elaboração e aperfeiçoamento de produtos ou ideias já existentes. Também presentes em muitas definições é o fato de que não basta que a resposta seja nova, é também necessário que ela seja apropriada a uma dada situação.





Já Ghiselin (1952) indica que é o processo de mudança, de desenvolvimento, de evolução na organização da vida subjetiva. Em Torrance (1965) é o processo de tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento, desarmonia; identificar a dificuldade, buscar soluções, formulando hipóteses a respeito das deficiências; testar e retestar estas hipóteses; e, finalmente, comunicar os resultados.

Nesse sentido, educar não se limita a repassar informações ou mostrar apenas um caminho, mas é ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, do outro e do mundo. Ao oferecer diversas ferramentas como caminhos, é utilizar-se de “formas” criativas para resolver problemas, deficiências, lacunas, etc.

O que as pesquisas têm mostrado, é que todo ser humano é criativo (alguns mais, outros menos, dependendo de inúmeras variáveis) e que os poderes da mente humana, ainda pouco explorada, são sem sombra de dúvidas, ilimitados. (ALENCAR, 1991, p. 26).

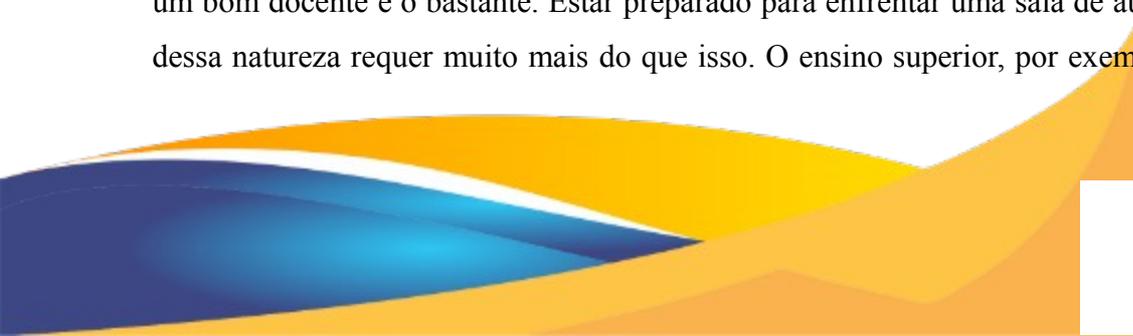
A era do conhecimento renova-se rapidamente, em consequência dos progressos científicos e tecnológicos, em virtude disso, para ser um bom docente não basta apenas trabalhar bem, é preciso executar o trabalho cada vez melhor, atendendo às exigências da era em curso. Estar sempre disposto a desenvolver capacidades que ajudem os indivíduos a mais facilmente se adaptarem a novas circunstâncias e situações. Há que apelar à nossa inteligência, à nossa mente, mas, também à nossa criatividade, só assim apresentaremos um resultado criativamente. "Só é possível funcionar com eficácia se a ação for baseada em todas as potencialidades das pessoas. Desenvolver o nosso potencial criativo é mesmo urgente". (PORTNOFF, 1992).

3-Formação Docente: uma questão de saberes e práticas

Entendemos o conceito de formação a partir de Nuñez e Ramalho (2002), que compreende a formação como uma possibilidade de explicitar e desvelar pelo próprio formado o que foi aprendido, ou seja, ter a capacidade de saber fazer, de saber pensar e de saber situar-se .

O processo de construção e de reconstrução do conhecimento exige do docente determinadas competências entre as quais os conhecimentos teóricos e experiências de vida profissional e pessoal. Para Tardif (2007) os saberes pedagógicos podem contribuir para a evolução do docente. Sabendo que o docente deve desenvolver a competência pedagógica, Ferreira (2010, p.343) orienta que o termo “competência” significa entre outras coisas, ter capacidade, aptidão. Nesse sentido ter competência é estar apto para desenvolver determinada atividade, para saber fazer tal atividade.

Ao pensar em formação docente temos a ideia de que fazer um curso de graduação para se tornar um bom docente é o bastante. Estar preparado para enfrentar uma sala de aula ou qualquer situação dessa natureza requer muito mais do que isso. O ensino superior, por exemplo, requer uma prática





que exige do professor uma atitude criadora, reflexiva e crítica e o esgotamento dessa perspectiva manifesta-se nas constatações dos problemas da civilização contemporânea, perdendo-se de vista a visão de totalidade e da complexidade, próprio da estrutura humana (PIMENTA, 2002). Mas afinal, o que é formação docente?

A palavra professor, proveniente do latim “professore”, significa aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, o saber, o conhecimento (HELATCZUK, 2010). Para ensinar, o professor necessita do conhecimento que adquiriu através de sua formação a qual vai se transformando, adquirindo solidez pela prática cotidiana. A capacitação do indivíduo para o trabalho docente se constitui em um ato educativo de criatividade e inovação.

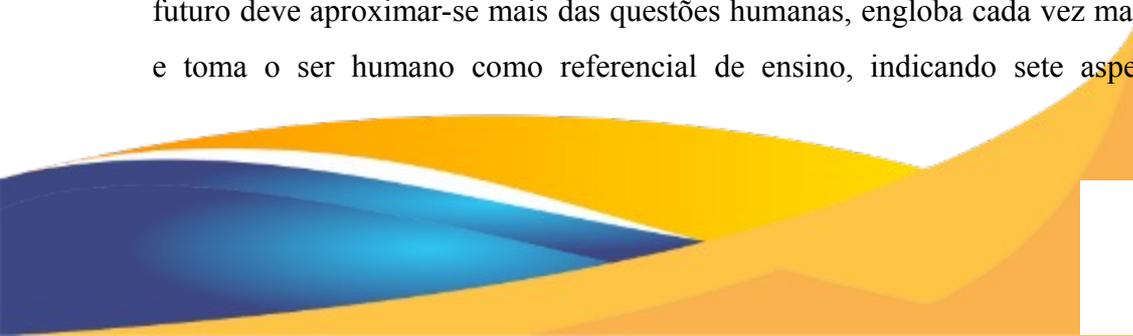
Formar é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas, profissionais, religiosas e de compromisso com a transformação em que se vive. É participar do processo construtivo da sociedade na obra conjunta, coletiva, de construir um convívio humano saudável (LIBANEO, 2001, p.13).

Ainda segundo Libaneo (1994) existem duas dimensões da formação profissional do professor. A primeira diz respeito à teórico-científica, formada de conhecimentos de Filosofia, Sociologia, História da educação e Pedagogia. A segunda, é a técnico-prática, que representa o trabalho docente incluindo a didática, metodologias, pesquisas e outras práticas do trabalho do professor. O autor ainda define didática como a mediação entre as duas dimensões.

O processo de formação docente é crescente e contínuo, formado a cada dia, em momentos que fazem o seu cotidiano. Mais do que nunca, pela exigência acelerada da atualidade, o docente deve estar sempre atualizado e bem informado, não apenas em relação aos fatos e acontecimentos do mundo, mas, principalmente, em relação aos conhecimentos curriculares e pedagógicos e às novas tendências educacionais, daí a necessidade e importância da capacitação dos profissionais da educação por meio da formação continuada.

Na contribuição de Freire (1996) o ensinar não se limita apenas em transferir conhecimentos, senão também no desenvolvimento da consciência de um ser humano inacabado em que o ensinar se torna um compreender a educação como uma forma de intervir na realidade da pessoa e do mundo. Ainda, de acordo com Demo (2000), a pedra de toque da qualidade educativa é o professor visto como alguém que aprende a aprender, alguém que pensa, forma-se e informa-se, na perspectiva da transformação do contexto em que atua como profissional da educação.

Nesse sentido, Morin (2003) ao priorizar a complexidade da educação e de que a educação do futuro deve aproximar-se mais das questões humanas, engloba cada vez mais aspectos do cotidiano e toma o ser humano como referencial de ensino, indicando sete aspectos que denomina de





“saberes” para a educação: as cegueiras do conhecimento; o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; e ensinar a compreensão e a ética do gênero humano.

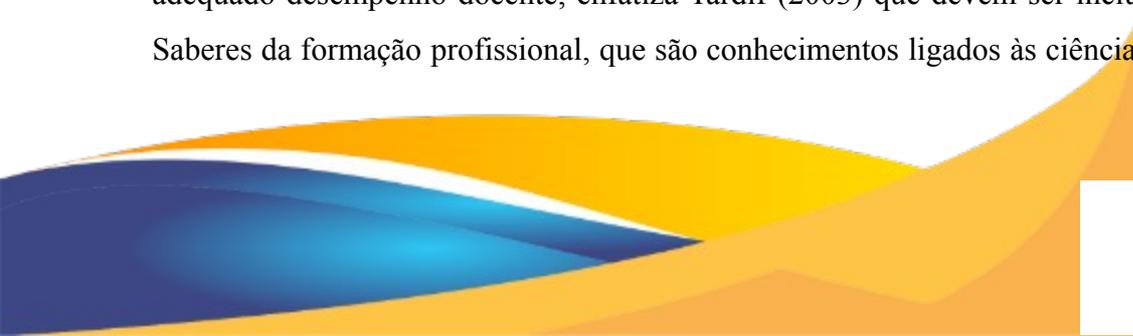
Considerando a formação docente, dos saberes à prática e apontando para uma atuação no ensino superior, destacamos o que traz Masetto (2008, p.14), “a função do Ensino Superior é de criar situações favoráveis ao desenvolvimento dos aprendizes nas diferentes áreas do conhecimento, no aspecto afetivo emocional, nas habilidades e nas atitudes e valores.”

Desenvolver-se profissionalmente através de um curso de graduação não basta, nem tampouco aliada ao conhecimento do dia a dia. É fundamental atualizar-se sempre, o que remete a necessidade da formação continuada no processo de atuação profissional, ou seja, há a necessidade da construção do saber, no processo de atuação docente. Sobre essa concepção, “a formação não se constrói por acumulação (de cursos ou de conhecimentos), mas através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal”. (NÓVOA, 1995, p. 25).

Observando a situação dos que atuam hoje em salas de aula, “verifica-se facilmente que, com exceção dos docentes provenientes das licenciaturas e pedagogia, a grande maioria dos professores universitários não contou com a formação sistemática, necessária à construção de uma identidade profissional para a docência. Embora já lecionem, nem sempre dominam as condições necessárias para atuar como profissionais professores. Diante desse quadro, as instituições vêm buscando formas de preparar ou profissionalizar esses profissionais de outras áreas para a docência” (BARBOSA, 2004).

A formação continuada de docentes é entendida como um processo permanente de aperfeiçoamento dos saberes necessários à atividade profissional, realizado após a formação inicial, com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos alunos. Por isso, vários são os autores que apresentam discussões sobre esta temática e ressaltam sua relevância para os profissionais do ensino, como Candau (1997), Nascimento (2000), Pimenta (2002), entre outros. Infelizmente, segundo Nascimento (2000), as propostas de capacitação dos docentes têm apresentado baixa eficácia, e algumas das razões apontadas são: a desvinculação entre teoria e prática; a ênfase excessiva em aspectos normativos; a falta de projetos coletivos e/ou institucionais; entre outros.

Para que a formação, capacitação e aperfeiçoamento sejam permanentes e atualizados para um adequado desempenho docente, enfatiza Tardif (2003) que devem ser incluídos saberes e práticas. Saberes da formação profissional, que são conhecimentos ligados às ciências da educação, teorias e





métodos. Saberes disciplinares da área que vai lecionar. Saberes curriculares, que se apresentam nos programas de ensino. “Saberes experienciais”, que são desenvolvidos no seu cotidiano e no conhecimento do seu meio. Teoria e prática precisam caminhar de mãos dadas com a criatividade.

Cabe afirmar que o processo formativo se constitui a partir da mobilização de diversos saberes fundamentados, por sua vez, em práticas reflexivas e em teorias especializadas, bem como a prática pedagógica. Tais saberes se constituem como um conjunto de conhecimentos passíveis a transformações, visto que a demanda da prática docente requer, muitas vezes, decisões capazes de atender a situações complexas e singulares. (PIMENTA, 2005).

Dessa forma, qualificação e formação continuada impactam positivamente na preparação de um docente apto para exercer suas atividades dentro da realidade na qual atuará. Um docente criativo buscará por meio de sua didática e através de atividades significativas e diferenciadas, motivar o aluno para a aprendizagem, levando sempre em conta que cada aluno aprende de uma forma. (FERREIRA, 2010).

4- Características do Docente criativo

Sendo docente do ensino de pós-graduação em duas instituições privadas, na cidade de Recife – PE, desde o ano de 2012, com atuação expressiva nos cursos de Educação, e, pelo fato dessa temática estar presente no meu cenário profissional, acreditando que “se sou criativa, tudo se torna mais prazeroso”, amparada pelos princípios norteadores da disciplina que ministro - Metodologia Científica - considerando que o mais importante de um trabalho científico é o pensamento crítico, corroborado por Haguette (1992) onde o melhor método e técnica de pesquisa é aquele que mais ajuda na compreensão do fenômeno a ser estudado.

Ao considerar as características do docente criativo, encontramos amparo na estratégia de uma atuação competente e criativa como um diferencial do profissional em questão. Segundo Antunes (2001, p. 12) o professor precisa ir também se transformando em um analista de símbolos e linguagens, um descobridor de sentidos nas informações, e, também, o profissional essencial do despertar das relações interpessoais.

Em se tratando de ensino superior, observamos poucas investigações referentes ao estado da arte em criatividade. Nesse sentido, Weschsler e Nakano (2011), analisou trabalhos desenvolvidos entre 1984 e 2002, onde as pesquisas foram direcionadas, em número significativo, aos estudantes do ensino fundamental (32%), estudantes do ensino médio (16%), e o ensino superior com apenas 12% das pesquisas. Ainda segundo as autoras foram avaliadas também teses e dissertações cujo tema é a





criatividade (entre 1970 e 1999), verificando-se que as universidades foram foco em apenas 3% das pesquisas.

Como parte integrante do ensino, a criatividade deve ser estimulada, não apenas com objetivo de ascensão ou destaque profissional, mas sim para entender e criar melhores oportunidades de compreensão, de produção e autonomia. É onde a atuação competente e criativa torna-se um diferencial competitivo do docente, chegando até o aluno como forma de despertar o prazer de “um fazer criativo” em suas futuras atuações profissionais, e por que não ações docentes?

O professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia de desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. (TARDIF, 2002, p. 39).

O docente é um elemento essencial no processo de aprendizagem, já que contribui para a promoção da criatividade nos espaços educacionais, dominando o conteúdo que ensina, com entusiasmo e pela sua própria atividade, fazendo uso de diversas técnicas instrucionais, através de aula expositiva, de debates, de atividades em grupo, de seminários, etc. Inserindo a criatividade nessa atuação, consideramos algumas reflexões acerca da atuação docente, com o objetivo de “construir” um fazer competente e criativo, possibilitando a criação de “seguidores” ou “sonhadores” de um fazer inovador.

De acordo com Imbernón (2010, p.12) “a formação continuada dos professores mais do que atualizá-los, deve ser capaz de criar espaços de formação, de pesquisa, de inovação, de imaginação, etc., e os formadores de professores devem saber criar tais espaços para passarem do ensinar ao aprender”.

Considerando que uma disciplina, muitas vezes, torna-se um momento desmotivador, pelo fato do aluno trazer tanto “cansaço” do seu cotidiano e, ao mesmo tempo, uma pós-graduação constitui-se fundamental para o currículo de qualquer indivíduo, entendemos que a análise de uma aula não deve desconsiderar que o docente, ao prepará-la, desenvolvê-la e avaliá-la, expressa concepções de sociedade, de educação, de profissional que se deseja formar tornando assim um momento singular para o preparo, o desenvolvimento e a avaliação de uma aula atrativa. Conforme Veiga (2008, p.274) “o objetivo principal da organização didática da aula é possibilitar um trabalho mais significativo e colaborativo, conseqüentemente, mais comprometido com a qualidade das atividades previstas”. Optamos como critério de atuação docente a importância de preparar-se para uma aula. Por entender que uma aula, por sua complexidade, não deve ocorrer de forma espontânea, a dedicação total e esforço do planejamento, como direcionamento, no sentido de organização didática da aula somada a ações criativas, caracterizadas por uma performance diferenciada.



Cropley (1992) refere que “a finalidade do ensino criativo não é a de produzir soluções criativas, mas sim dar energia e manter os esforços criativos dos alunos, removendo obstáculos e criando incentivos”. Uma pesquisa desenvolvida por Chambers (1973), citada em Alencar e Fleith (2003), constatou que professores universitários que se preocupam com o desenvolvimento da criatividade nos seus cursos apresentam perfis que envolvem o entusiasmo, o encorajamento da independência por parte de seus estudantes, o reconhecimento dos estudantes como iguais, e, especialmente, a condução das aulas de uma maneira mais informal, sem comprometer a qualidade da aprendizagem. Em entrevista no site Portal do Professor, Luciane Weber B. Hees considera uma aula criativa o resultado da relação entre o aluno e um professor dedicado e apaixonado por tudo que faz. Ainda segundo a mesma “é aquela aula que leva o aluno a dizer: Eu quero aprender isto que o professor está falando e mostrando!”

De acordo com Amabile (1989) a criatividade é o resultado da interação de três componentes: habilidades do domínio, habilidades de pensamento criativo e técnicas e motivação intrínseca. Habilidades do domínio incluem educação, conhecimento, habilidades técnicas e experiência em uma área específica. Habilidades de pensamento criativo e de trabalho “são estilos de trabalho, estilos de pensamento e traços de personalidade que possibilitam as pessoas usar suas habilidades de domínio de novas maneiras”. Motivação intrínseca diz respeito ao desejo de se envolver em uma tarefa porque é interessante, desafiadora e prazerosa. Embora os componentes desse modelo sejam de natureza intrapessoal, o ambiente tem um papel importante no desenvolvimento da criatividade. Ele tem influência em cada componente e no processo total.

Considerando o ambiente como parte desse processo, Alencar (1990) e Fleith (2002) ressaltam ainda como características de um clima criativo em sala de aula: (a) proteger o trabalho criativo do aluno da crítica destrutiva, (b) desenvolver nos alunos a habilidade de pensar em termos de possibilidade, de explorar consequências, de sugerir modificações e aperfeiçoamentos para as próprias ideias, (c) encorajar os alunos a refletir sobre o que eles gostariam de conhecer melhor, (d) não se deixar vencer pelas limitações do contexto em que se encontra, mas fazer uso dos próprios recursos criativos para contornar obstáculos, (e) envolver o aluno na solução de problemas do mundo real, (f) possibilitar ao aluno participar na escolha dos problemas a serem investigados, e (g) encorajar o aluno a elaborar produtos originais.

Para Wechsler (2001) um professor criativo é aquele que está aberto a novas experiências e, assim sendo, é ousado, curioso, tem confiança em si próprio, além de ser apaixonado pelo que faz.





Trabalha com idealismo e prazer, adotando uma postura de facilitador e quebrando paradigmas da educação tradicional.

Algumas atitudes do professor que possibilitam o desenvolvimento da criatividade em sala de aula são: ouvir ideias diferentes das suas, estimular o questionamento, dando-lhes tempo para pensar e para testarem hipóteses; estimular a curiosidade; criar um ambiente sem pressões, amigável, seguro; usar a crítica com cautela; e buscar descobrir o potencial de cada aluno.

Portanto, atualmente, na era do conhecimento, a criatividade tornou-se um diferencial, onde o ser criador se destaca perante os outros, promovendo e incentivando o pensamento criativo. Criativamente.

Eu insisto em que há uma necessidade social desesperada de comportamentos criativos por parte dos indivíduos... Em um tempo em que o conhecimento, construtivo e destrutivo, está avançando de forma acelerada em direção a uma era atômica fantástica, uma adaptação genuinamente criativa parece se apresentar como a única possibilidade para o homem manter-se à altura das mudanças caleidoscópicas de seu mundo. (ALENCAR, 1999, p.14).

Conclusão

A criatividade, independentemente do contexto, é de extrema importância para o desenvolvimento humano. A escola é uma das instituições que mais contribui para que a criatividade não seja só aprendida, mas sim praticada, a fim de promover uma educação necessária para transformar os alunos em cidadãos capazes de enfrentar os desafios de uma sociedade em constante transformação. Apesar de muitas vezes se pensar que a criatividade é um traço inato, o desenvolvimento do pensamento criativo não deve ser deixado ao acaso (Torrance e Myers, 1970), já que em ambientes educacionais inovar, criar e recriar ampliam novas ideias trazendo aprimoramento e qualidade ao trabalho docente.

Diante de tudo que foi destacado ao longo desse estudo podemos reconhecer que a formação docente, desde seus saberes e práticas, torna-se vital para que sua atuação seja inovadora. O docente criativo é aquele que leva em conta ser diferenciado, buscando sistematicamente, atualização, adaptando-se às exigências atuais.

Por sua vez, a educação ainda é tão carente de mudança e se não há mudança na formação docente jamais brotarão indivíduos criativos, formados por docentes criativos, de mentes criativas. É mais urgente em nossa época o registro da expressão de Santo (2004): CRIA = ATIVA + A + MENTE!

Referências Bibliográficas

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=78&idCategoria=8> acesso em 20/08/2017

<http://www.guiarh.com.br/z54.htm> acesso em 30/08/2017





- ALENCAR, E. M. L. S. de. (2007). **Criatividade no Contexto Educacional**: Três Décadas de Pesquisa. Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 23, 045-049.
- ANTUNES, C. (2001) **Como transformar informações em conhecimento**. 4ª edição, Petrópolis: Editora Vozes
- AMABILE, T. M. The social psychology of creativity. Nova York: Springer. 1983
- BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Trajéorias e perspectivas da formação de educadores**. UNESP, 2004
- CASTANHO, M. E. (Org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papirus, 2001, p. 165-170
- DEMO, P. **Educação pelo avesso**: assistência como direito e como problema. São Paulo: Cortez, 2000
- FONSECA, A. Fernandes. (1990). **A Psicologia da Criatividade**. Escher, Publicações – Lisboa
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997
- GURGEL, M. F. **Criatividade e inovação**: uma proposta de gestão da criatividade para o desenvolvimento da inovação. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. 203f. Dissertação. (Mestrado em Engenharia de Produção – Universidade Federal do Rio de Janeiro)
- HAGUETTE, TMF. **Metodologia Qualitativa na Sociologia**. 3. Ed. Petrópolis, Vozes, 1992
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Artmed, 2010
- LIBÂNEO, J.C. **Didática**. Cortez, 1994
- LUBART, T. **Psicologia da criatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2007
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003
- MASETTO, Marcos Tarciso (Org.) **Docência na universidade**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008
- MITJÁNS MARTÍNEZ, A. Criatividade, personalidade e educação. São Paulo: Papirus, 1997.
- NASCIMENTO, M. das G. **A formação continuada dos professores**: modelos, dimensões e problemática. Ciclo de Conferências da Constituinte Escolar. Caderno Temático n. 5. Belo Horizonte, jun., 2000
- NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995
- PFEIFER, S. S. **Criatividade**: um estudo nas fronteiras da ciência, da arte e da espiritualidade. Florianópolis: UFSC, 2001. 256f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção – Universidade Federal de Santa Catarina)
- PIMENTA, S.G. (org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2005
- PIMENTA, S. G., & Anastasiou, L. G. C. (2002). **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez
- SANTOS, A. T. (1995). **Estudo da criatividade no Brasil**: Análise das teses/dissertações em Psicologia e Educação (1970/1993). Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP
- SILVA, E. F. da. **Nove aulas inovadoras na universidade**. Campinas, SP: Papirus, 2011
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional**. Trad. Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002
- TAYLOR, C. W. **Criatividade**: Progresso e Potencial. São Paulo: Ibrasa, 1976
- VEIGA, Ilma P. A. (org.) **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. São Paulo: Papirus, 2008
- WECHSLER. S. M. **A educação criativa**: possibilidade para descobertas. In: CASTANHO, S.

